

A voz da desigualdade e da miséria: reflexos discursivos no léxico da canção *O meu guri*

The voice of inequality and poverty: discursive reflections on the lexicon of song *O meu guri*

Micheline Mattedi Tomazi*

Raquelli Natale**

Lucia Helena Peyroton da Rocha***

RESUMO: O objetivo principal deste estudo é analisar as ideologias e as representações mentais que se materializam na prática discursiva social da canção *O meu guri*, de Chico Buarque, com base na proposta teórica sociocognitiva de van Dijk (1999, 2010, 2011, 2012). Para tanto, elegemos o léxico como categoria principal de análise. Os resultados iniciais indicam que as escolhas lexicais utilizadas para compor a canção desvelam uma vida de miséria e desigualdade social vivida por uma mãe e um adolescente em conflito com a lei. Este estudo espera contribuir com uma proposta de leitura crítica que problematize questões significativas para a sociedade que, são materializadas na linguagem pelo discurso como prática social.

ABSTRACT: The aim of this study is to analyze the ideologies and mental representations that are materialized in social discursive practice of the song *O meu guri*, Chico Buarque, based on sociocognitive theoretical proposal by van Dijk (1999, 2010, 2011, 2012). Therefore, we chose the lexicon as main category of analysis. Initial results indicate that the lexical choices used to compose the song unveil a life of poverty and social inequality experienced by a mother and adolescents in conflict with the law. This study hopes to contribute to a proposed critical reading that problematizes significant issues for society that are embodied in language by discourse as a social practice.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Sociocognitiva. Desigualdade social. Léxico. Leitura crítica.

KEYWORDS: Sociocognitive Theory. Social inequality. Lexicon. Critical reading.

1. Considerações iniciais

Falar de léxico e discurso, num primeiro momento, é apostar numa quase redundância, não fora a maneira de se pensar a linguística moderna e, conseqüentemente, o léxico, que marca indelevelmente o estruturalismo, deixando respingar, no aqui e agora do século XXI, questões que a princípio seriam inquestionáveis. Isso porque coube ao

* Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, michelinetomazi@gmail.com

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, raquellinatale@gmail.com

*** Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, lhpr@terra.com.br

estruturalismo, de modo geral, e à linguística de modo particular, a rejeição da própria noção de palavra e, por conseguinte, sua importância e funcionalidade na língua. Paradoxalmente, a história nos faz ver que as palavras sempre chamaram a atenção do ser humano, justamente pelo que não se conseguiu perceber em seu apagamento baseado na crença de que ela, a palavra, era pouco operativa, viés que desconsiderou não só sua função, mas sua capacidade de poder, de domínio de língua, de enunciação e de discurso.

Portanto, é preciso recuperar, mesmo que seja brevemente e às soltas, a tumultuada trajetória do léxico, marginalizado, passivo e rejeitado pelo estruturalismo, frente à noção de morfema, para reconhecer o seu retorno em qualquer reflexão que procure compreender a significação. Então, o léxico renasce na *logofilia*, que dominou as ciências da linguagem, a “loucura das palavras persegue sem trégua o laço umbilical que liga o significante ao significado, pra rompê-lo, reconstruí-lo ou transfigurá-lo” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 45). Para nós, falar de léxico e discurso, ainda não nos permite apenas desvendá-los como objetos articulados no texto, ajudando um ao outro, dialogicamente, na produção dos efeitos de sentido que passa, significativamente, pelo sujeito, pela história e pela sociedade. Ainda uma vez é preciso viver, conhecer ou mesmo reconhecer o luto do léxico para ter certeza de que ele (re)vive para sempre no discurso.

Nesse empreendimento linguístico, a palavra ressurge como um fato social que está sujeito às forças sociais que permeiam as relações entre os sujeitos. Esse reconhecimento da força das palavras, de seu peso e de sua astúcia faz com que a linguística leve em consideração que as mesmas palavras podem ter sentidos diferentes e que a sua escolha pelo sujeito está diretamente ligada ao seu posicionamento e ao acontecimento no qual elas são proferidas. Nesse sentido, a proposta da interface entre léxico, discurso e ensino não deixa de ser um convite instigante para nós, que acreditamos em um ensino da língua voltado para uma abordagem em que a representação do léxico inclui a representação de suas propriedades gramaticais, morfossintáticas, bem assim como das propriedades semântico-conceptuais e instrumentais que sustentam o seu funcionamento em cotextos e em situações pragmáticas diversas (RIO-TORTO, 2006).

O Léxico tem uma natureza pluridimensional, como defende Rio-Torto (2006, p. 1), conseqüentemente o seu estudo não se confina a abordagens monodimensionais, já que envolve antes a morfologia das unidades lexicais que o integram, a semântica e a sintaxe interna e externas destas, o funcionamento discursivo-pragmático que os falantes delas fazem.

Em consonância com Rio-Torto (2006, p. 3), concebemos o léxico com a função de produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como estratégia linguística da qual se valem para construir seus discursos. E é, nesse aspecto, que as escolhas lexicais feitas pelos usuários da língua evidenciam as condições e as restrições que presidem ao funcionamento, aos diversos níveis (fonológico, morfológico, sintático. semântico), das unidades sgnicas, consideradas nas práticas discursivas.

Para Rio-Torto (2006, p. 3),

A inter-relação entre léxico e gramática tem sido largamente evidenciada pela investigação levada a cabo no último meio século. Os desenvolvimentos em psicolinguística, em psicologia cognitiva e em neurociências da linguagem vêm demonstrando que o processamento da linguagem e dos signos linguísticos se faz de forma articulada e conexionística, complementando-se as diferentes dimensões - funcionais, gramaticais e lexicais, paradigmáticas, sintagmáticas e discursivas de uma palavra para a caracterização e para o funcionamento da mesma.

Desse modo, a perspectiva que queremos adotar aqui estabelece uma articulação entre o estudo do léxico e a teoria sociocognitiva de van Dijk (1999, 2010, 2011, 2012), que é construída a partir da tríade: discurso, cognição e sociedade. A escolha desse aparato teórico justifica-se pela possibilidade de se trabalhar o discurso como uma prática social, que resulta das complexas relações entre as estruturas sociais e as estruturas discursivas mediadas pela cognição. Nesse sentido, os termos discurso, cognição e sociedade assumem conceitos próprios dentro da teoria, compõem os vértices de um triângulo e estão intimamente interligados, como veremos adiante.

Escolhemos, dentre as estruturas discursivas relevantes para o trabalho, o léxico, por acreditarmos que os elementos lexicais se manifestam discursivamente nos enunciados e revelam valores ideológicos e visões de mundo dos sujeitos da enunciação. Além disso, considerando a importância de um tema que nos faça refletir sobre minorias sociais, selecionamos um texto cuja relevância social é inegável, mesmo possuindo caráter ficcional, pois apresenta relevância social ao representar a desigualdade e a pobreza. Elegemos uma canção de Chico Buarque, *O meu guri* (1981), para analisar o discurso que ali se materializa do ponto de vista da ideologia, da representação e da cognição.

Nessa perspectiva, dividimos este artigo da seguinte forma: a primeira seção apresenta a proposta sociocognitiva de van Dijk (1999, 2010, 2011, 2012). A segunda

seção procura destacar a importância de uma visão discursiva que leve em conta os aspectos sociocognitivos para a análise do léxico. Para isso, é apresentada uma lista dos tipos de controle contextual que envolve a escolha e a variação lexical que será utilizada na análise. A terceira seção é destinada à análise da canção a partir do que foi discutido e apresentado anteriormente para a proposta de interface entre discurso, léxico e ensino. Por último, são apresentadas as considerações finais.

2. Discurso, cognição e sociedade

Com base na orientação sociocognitiva de van Dijk (1999, 2010, 2011, 2012), o discurso é definido, de maneira ampla, como acontecimento comunicativo, o que inclui a interação verbal, os textos escritos, os gestos, as imagens e qualquer outra significação semiótica ou multimodal. Van Dijk (2011) observa que, para interpretar o discurso, é preciso compreendê-lo em seu contexto, ou seja, não só em termos de estrutura textual (sintáticas, lexicais, argumentativas, etc.), mas, principalmente, na relação entre a estrutura textual e os aspectos específicos de uma situação ou acontecimento, isto é, a estrutura social. Surge, então, a necessidade de uma interface cognitiva entre uma situação comunicativa e um discurso ou texto. Essa mediação é feita pelos modelos mentais, que são divididos em: modelos de contexto, que são interpretações subjetivas únicas dos participantes ou definições subjetivas das situações interacionais, nos quais aparecem as experiências vividas pelo corpo, percepções, emoções, referentes à situação comunicativa em curso (VAN DIJK, 2001); e modelos de evento, que consiste no que se sabe sobre as situações de que falam e escrevem os enunciadores, e que atua como ponto de partida tanto para quem constrói o discurso como para quem o interpreta.

Assim, se os modelos de contexto são entendidos como definições de participantes, isto é, como construções mentais, então, eles são capazes de funcionar como uma interface entre as estruturas sociais (grupos sociais, gêneros sociais, organizações, etc.) e as estruturas discursivas (tema, sintaxe, estruturas retóricas, léxico, etc.).

Essa relação ocorre no sistema cognitivo individual de cada participante. Contudo, todas as ações discursivas praticadas por cada indivíduo na sociedade são mediadas pelas ideologias dos grupos sociais dos quais participam esses indivíduos. Portanto, todos os discursos proferidos pelos enunciadores, direta ou indiretamente, estão inevitavelmente ligados às ideologias do grupo ao qual participam e compartilham de um conhecimento

geral que pertence a um sistema cognitivo social. Assim, debruçar-se sobre a ideologia para a análise de um texto é, antes de tudo, descrever as crenças específicas e fundamentais de grupos de pessoas, já que uma ideologia é a base das representações sociais compartilhadas por um grupo social.

Para van Dijk (2010), a ideologia possui uma dimensão cognitiva complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as atitudes sociais e de representações sociais, como os preconceitos sociais. Essa estrutura ideológica consiste em normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de maneira que possam oferecer a percepção e interpretação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo como um todo.

Para evidenciarmos as ideologias presentes no objeto de estudo, é preciso observar as estruturas sociais (sociedade) e as estruturas discursivas (discurso) que sejam relevantes para as questões sociais. Dentre as diferentes estruturas discursivas (registro, tema, suposições e inferências, ambiguidades, negação aparente, modalização, sintaxe, nominalizações, marcadores discursivos, sinônimos, metáforas, tempo, agentividade, entre outras), a categoria léxico foi escolhida para esta análise porque, além de figurar uma categoria importante de análise, ela ainda é pouco explorada em análises críticas do discurso.

Acreditamos que explorar o léxico via discurso crítico em atividades de leitura e interpretação de texto fornece à prática pedagógica condições de contribuir para que o sujeito-estudante-leitor possa se tornar autônomo na interpretação das ideologias que subjazem aos discursos os quais fazem parte do seu cotidiano sócio-histórico-cultural. Por falta de espaço, neste artigo, não apresentaremos um referencial teórico para a questão do ensino, mas apresentamos, para consulta e pesquisa, os trabalhos de alguns autores cuja preocupação com o ensino de prática de leitura e interpretação está voltada para essa visão crítica (HEBERLE; MEURER, 1993, BAYNHAM, 1995; MEURER, 2000; HEBERLE, 2000, AMARAL, 2012).

Na próxima seção, apresentamos o embasamento teórico para o trabalho com o léxico como estrutura discursiva para, no item subsequente, apresentarmos a leitura interpretativa do texto (canção).

3. O léxico como estrutura discursiva para análise de questões sociais

Segundo van Dijk (2012, p. 238), a escolha lexical é definida pelos “significados ou pelos modelos de eventos subjacentes dos usuários da língua: como uma estratégia geral, as pessoas optam pelas palavras que expressam de maneira mais exata possível a informação específica que está presente nesses modelos de eventos”. De acordo com o autor, a escolha que fazemos do léxico pode revelar muito de nossa identidade social, emoções, estado de espírito, opiniões, além de revelar também nossa relação com o outro, nossa maneira de falar, mais ou menos formal, entre outras coisas relacionadas ao homem, à sociedade e à cultura.

O peso das nossas escolhas lexicais não pode ser desconsiderado em uma análise textual-discursiva. Isso porque as unidades lexicais da língua retratam a experiência humana acumulada e traços das práticas culturais e sociais dos grupos. O conjunto de unidades lexicais é, portanto, memória de nossa cultura, daí a importância dos dicionários serem vistos como um fato social, histórico e ideológico. Essa dimensão discursiva do dicionário, da lexicografia, é defendida por Nunes (2006) para quem o dicionário precisa ser visto como lugar de constituição de sentidos por sujeitos e para sujeitos, considerando sempre a relação língua-sujeito-sociedade para a circulação dos sentidos em diálogo com os processos históricos e sociais de significação. Portanto, é dessa maneira que as unidades do léxico, quando manifestadas na língua em uso, refletem as alterações das práticas sociais, permitindo que se evidenciem os incessantes movimentos humanos em seus hábitos sociais e culturais.

Outro ponto que tem recebido atenção renovada nos estudos críticos do discurso, segundo van Dijk (2012), é o reconhecimento de que a seleção lexical envolve condicionamentos contextuais que podem estar representados no modelo de contexto. Van Dijk (2012) defende que a variação lexical é particularmente sensível ao contexto e, a fim de propor uma análise discursiva do léxico que leve em conta o contexto social e a variação lexical, o autor apresenta alguns tipos de controle contextual da escolha e variação lexical, muitos deles já explorados em trabalhos da sociolinguística, sob outra perspectiva. Apresentamos, abaixo, alguns desses tipos que julgamos relevantes para o trabalho com o léxico e, principalmente, para a análise que faremos da canção escolhida. Ao lado desses tipos de controle contextual da escolha e variação lexical, estão alguns exemplos da maneira como eles podem se manifestar:

Quadro 1: Tipos de controle contextual da escolha e variação lexical, adaptado de van Dijk (2012, p. 239-40).

TIPOS DE CONTROLE CONTEXTUAL DA ESCOLHA E VARIAÇÃO LEXICAL	
Tipo de situação	Formal <i>versus</i> informal; expressões que definem o registro e a variação de estilo lexical; variação de classe; formas prestigiadas <i>versus</i> formas discriminadas.
Variações regionais/dialetais	Português do Brasil <i>versus</i> português de Portugal ou dialeto português da Bahia <i>versus</i> dialeto português de São Paulo.
Identidade social e estereótipo	por gênero, classe, etnia, idade, etc.
Usos especializados <i>versus</i> não especializados	Papéis dos participantes e escolarização, conhecimento, situação institucional, etc.
Posição social	<i>Status</i> dos participantes da interação, poder, fama; pronomes que exprimem deferência, cumprimentos, pronomes de tratamento.
Relações sociais entre participantes	Amigos <i>versus</i> inimigos, intimidade <i>versus</i> distância entre participantes, patrão <i>versus</i> empregado.
Avaliações, apreciações	Opiniões, atitudes do enunciador e imagem projetada do interlocutor; palavras positivas <i>versus</i> neutras <i>versus</i> negativas; eufemismos <i>versus</i> hipérboles.
Emoções	Verbos e substantivos de emoção quando usados em primeira pessoa; qualificativos.
Ideologia	Perspectiva, crenças e opiniões do enunciador ou de seu interlocutor.
Tipo de atividade	Expressões (dêiticas, performativas) que indicam que tipo de (inter)ação social está sendo realizada por meio do fragmento do discurso.
Objetivos	Substantivos, verbos, advérbios, etc. que indicam as intenções, propósitos, alvos ou objetivos do enunciador.
Variações de gênero	Modo de falar masculino <i>versus</i> modo de falar feminino.

Van Dijk (2012) esclarece que essa lista de tipos de controle contextual da escolha e variação lexical está longe de ser completa, mas ela demonstra que quase todas as categorias contextuais apresentam alguma forma de realização lexical. É preciso levar em conta, também, que os ambientes, a classe, o gênero social e as questões de identidade podem relacionar-se de maneiras complexas enquanto condições da variação lexical. Assim, para dar conta da escolha lexical contextualmente condicionada, precisamos considerar que muitos outros condicionamentos podem combinar-se de várias maneiras

e, então, será necessário reconstruir os contextos, os participantes e outros eventos igualmente específicos. Diante das diferentes fontes de variação contextual da escolha do léxico, van Dijk (2012, p. 244) chama atenção para a necessidade de definir “contexto em termos da maneira como os falantes se representam a si próprios e aos outros participantes, bem como às outras dimensões relevantes do evento comunicativo, em um modelo mental dinâmico”.

Essa perspectiva dinâmica e discursiva de trabalho com o léxico requer um olhar atento para o que, de fato, torna-se condição essencial do uso e variação da língua. Segundo van Dijk (2012, p. 244), para isso é necessário considerar: “o ambiente espaço/temporal, tal como é experienciado; a natureza do evento e a interação, tais como são definidas; as diferentes identidades e relações (gênero social, etnia, ocupação, escolarização, poder, distância, etc.), tais como são assumidas, desempenhadas ou atribuídas”. Portanto, não são as dimensões objetivas ou reais da situação social que vão definir o uso e a variação da língua, mas todas as dimensões relevantes do evento comunicativo.

Há, na proposta de van Dijk (2012) uma ressalva para o fato de não incluir na lista dos condicionamentos contextuais a categoria de gênero textual/discursivo e a categoria de tema e assunto. Para o autor, essas categorias não dependem diretamente do contexto, mas incorporam uma noção mais complexa que envolve propriedades contextuais e textuais.

Na seção seguinte, procuramos aplicar os pressupostos teóricos e metodológicos da proposta sociocognitiva na canção *O meu guri*, procurando demonstrar a importância de se trabalhar com o léxico observando os tipos de controle contextual, que envolvem a escolha e variação lexical na leitura e interpretação de textos. Ademais, esperamos que a leitura interpretativa do léxico no discurso da canção, que será apresentada adiante, possa de alguma maneira contribuir para tornar as aulas destinadas ao ensino de leitura e interpretação mais significativas também em termos sociais.

4. *O meu guri* numa perspectiva discursiva do léxico

Aparentemente muito simples, a canção *O meu guri* de Chico Buarque tem no ritmo, no tecido sonoro e, particularmente, em certas categorias gramaticais, as chaves que apontam, para além da superfície, o tom, a atitude do enunciador diante de um tema social que, em um primeiro momento, pode passar despercebido para o leitor.

Vamos, pois, à letra da canção *O meu guri*, produzida em 1981. O texto expõe, pela voz de um enunciador, a história de vida de um guri, desde o nascimento, até a sua morte.

- | | |
|--|--|
| 1. Quando, seu moço, nasceu meu rebento | 25. Chega no morro com o carregamento |
| 2. Não era o momento dele rebentar | 26. Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador |
| 3. Já foi nascendo com cara de fome | 27. Rezo até ele chegar cá no alto |
| 4. E eu não tinha nem nome pra lhe dar | 28. Essa onda de assaltos tá um horror |
| 5. Como fui levando, não sei lhe explicar | 29. Eu consolo ele, ele me consola |
| 6. Fui assim levando ele a me levar | 30. Boto ele no colo pra ele me ninar |
| 7. E na sua meninice ele um dia me disse | 31. De repente acordo, olho pro lado |
| 8. Que chegava lá | 32. E o danado já foi trabalhar, olha aí |
| 9. Olha aí | 33. Olha aí, aí o meu guri, olha aí |
| 10. Olha aí | 34. Olha aí, é o meu guri |
| 11. Olha aí, aí o meu guri, olha aí | 35. E ele chega |
| 12. Olha aí, é o meu guri | |
| 13. E ele chega | |
| | 36. Chega estampado, manchete, retrato |
| 14. Chega suado e veloz do batente | 37. Com venda nos olhos, legenda e as iniciais |
| 15. E traz sempre um presente pra me encabular | 38. Eu não entendo essa gente, seu moço |
| 16. Tanta corrente de ouro, seu moço | 39. Fazendo alvoroço demais |
| 17. Que haja pescoço pra enfiar | 40. O guri no mato, acho que tá rindo |
| 18. Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro | 41. Acho que tá lindo de papo pro ar |
| 19. Chave, caderneta, terço e patuá | 42. Desde o começo, eu não disse, seu moço |
| 20. Um lenço e uma penca de documentos | 43. Ele disse que chegava lá |
| 21. Pra finalmente eu me identificar, olha aí | 44. Olha aí, olha aí |
| 22. Olha aí, aí o meu guri, olha aí | 45. Olha aí, aí o meu guri, olha aí |
| 23. Olha aí, é o meu guri | 46. Olha aí, é o meu guri |
| 24. E ele chega | |

No nível da superfície textual, é possível fazer um levantamento das marcas lexicais indicadoras dos envolvidos na interação: um sujeito responsável pelo que diz em uma situação sócio-histórica, que se manifesta nas formas do pronome pessoal *eu* e suas variantes; um interlocutor, aquele a quem se diz o que se tem a dizer, marcado pelo vocativo *seu moço*; e um referente, de que ou de quem se fala, marcado explicitamente pelo substantivo *guri*. Ainda nesse nível, é possível identificar duas categorias importantes que estão relacionadas ao cenário dessa interação: o ambiente/lugar, marcado pelos advérbios de lugar (lá, aí, cá); e o tempo (quando, já, um dia, de repente).

Pretendemos, pois, num primeiro momento, trazer à tona, para a leitura, as marcas lexicais dos participantes da interação. Para tanto, selecionamos os itens lexicais e a

maneira como eles aparecem nos versos da canção, bem como os efeitos de sentido que pudemos perceber. Na instância enunciativa, cremos ter encontrado a voz de uma mulher, que, numa análise mais apurada, poderia ser interpretada como a figura materna de um garoto marcado por uma trajetória de vida marginalizada. No âmbito da descrição, encontramos marcas lexicais que julgamos atestar essa leitura: o caráter possessivo com que se refere ao menino (meu rebento, meu guri); a constante utilização da primeira pessoa do singular, feita de maneira explícita (E eu não tinha nem nome pra lhe dar) e/ou representada pela desinência verbal (como fui levando), ou ainda pela forma do pronome oblíquo *me* (ele um dia me disse).

Vale ressaltar que o emprego da primeira pessoa e dos pronomes possessivos nos leva à inferência de um caráter extremamente subjetivo, o que nos direciona para um léxico que se volta às emoções desse enunciador. Se os pronomes do caso reto exprimem a pessoa em função subjetiva e os oblíquos em função complemento, os possessivos são uma variante dos pronomes pessoais, empregados com a finalidade de expressar uma relação de apropriação entre uma pessoa (o possuidor) e uma coisa (o possuído). Os possessivos, quando unidos a nome referente à pessoa, denotam relação afetiva intensa, razão pela qual é possível a inferência com a figura da mãe. Além disso, o artigo diante do possessivo induz à ideia de familiaridade.

Isso poderia explicar a carga semântica e discursiva da escolha do léxico para a construção do sintagma nominal no título, que se caracteriza pela presença dos determinantes *o* e *meu*. Do ponto de vista semântico e discursivo, essas classes de palavras têm um importante papel para a produção de sentido do texto, já que o emprego do artigo definido recebe um valor significativo junto ao pronome possessivo que restringe o significado e o valor da palavra *guri*, determinando-o fortemente correlacionado à voz do enunciador.

Na instância do interlocutor, a quem é dirigida a enunciação, ainda sob um ponto de vista macro do texto, encontramos o *outro*. A representação dessa escolha lexical aponta para a posição social do participante da interação, ou seja, o vocativo *seu moço* expressa a maneira como o enunciador está vendo o seu interlocutor e qual a relação que estabelece com ele. Ao reconhecer esse participante introduzido pela segunda pessoa, percebemos que há um condicionamento contextual relacionado com a posição social ocupada por ele.

Da mesma maneira, na instância do referente, encontramos escolhas lexicais que nos direcionam para a representação de quem se fala nessa enunciação. Esse

reconhecimento é feito pelo uso do substantivo *guri*, o filho, marcado no texto pelos pronomes de terceira pessoa ou pela troca de item lexical. Como tipo contextualmente condicionado, a escolha lexical do substantivo *guri* aponta para uma variação regional, se se considera que *guri* é utilizado no sul do país e não em outras regiões do Brasil como referência a menino, criança.

Toda essa estratégia de construção de participantes envolvidos na enunciação é apresentada na primeira estrofe. Nela, já salta aos olhos de qualquer leitor a utilização e a escolha desses itens lexicais cujo significado (semântico) assinala e incide sobre a contextualização. Assim, ao se projetar como eu no discurso, a figura feminina que enuncia instaura não só a sua presença, mas a do seu interlocutor virtual, o tu, bem como o ambiente, um *aqui* e o tempo um *agora*, construindo o cenário da enunciação.

Esses itens lexicais apontam para categorias dos modelos de contexto, como participantes, tempo e espaço. Essas categorias funcionam como guias para a nossa interpretação acerca da situação comunicativa que é narrada na canção. A partir disso, acionamos os modelos de evento que possuímos sobre a situação de que fala o enunciador e inferimos de que se trata de uma mãe falando de um filho que tem uma trajetória de vida marginalizada.

Acreditamos que a construção do texto, sua forma, a partir de quatro estrofes, pode ser considerada como parte do cenário social que se quer criar, já que há, na produção dessas estrofes, um segmento temporal que coloca em destaque a história que se quer contar sobre o *guri*. Nessa representação do tempo linguístico, o diálogo encenado no texto tem como ponto de partida o presente da enunciação, mas é preciso ressaltar que a questão da representação desse tempo já é, *a priori*, inerente ao *eu* do enunciador, que, no caso de *O meu guri* parece participar de um diálogo virtual, já que o seu interlocutor, *seu moço*, não aparece de viva voz. Nessa projeção ou retrospectão; ou melhor, nesse deslocar-se, enunciado e interpretado por um eu (a figura materna), e um tu (seu moço), num determinado espaço enunciativo (*aqui, aí, cá, lá*), acontece o estabelecimento da interação.

Assim, a primeira estrofe projeta a enunciação para um tempo passado, ou seja, para trás no discurso, e apresenta as circunstâncias em que se deu o nascimento, *o rebento*, o rebentar do *guri*. O primeiro verso é iniciado pela conjunção adverbial *quando* que opera essa localização temporal no passado e põe em questão o próprio ato desse nascer explicitado em *não era o momento dele rebentar*. Esse nascer parece estar revestido de um novo sentido, ao ser acompanhado pelo substantivo *reberto*, cujo sentido

dicionarizado é filho, descendente. O verbo *rebentar* (nascer, surgir) conjugado à expressão *não era o momento* parece apontar para a falta de hora, a impropriedade do nascimento, cuja leitura pode ter direções diferentes: não seria o momento porque o filho nascera fora do tempo, ou seja, prematuro (nível denotativo) o que não é reiterado pelo texto, pois não há outros indícios para tal ilação; ou não seria o momento porque não existiam condições ou intenções para que esse guri pudesse nascer (nível das pressuposições).

Dessa maneira, a escolha lexicográfica de *rebento* motiva outros possíveis sentidos: pequeno broto de planta, galho jovem para enxerto, fruto, produto, filho; já o signo *rebentar* pode aplicar-se a outros sentidos além de nascer, ou seja, arrebentar, estourar, manifestar-se com violência, fazer-se em pedaços, desabrochar, surgir. É preciso, então, reconhecer que léxico e sintaxe estão articulados de forma intrínseca para a construção de efeitos de sentido. No entanto, é no funcionamento lexical que encontramos respaldo para sustentar a interpretação do texto. Se pensarmos nos remanejamentos entre significantes e significados podemos buscar, a partir do significante *rebentar*, os possíveis significados; no entanto, todos os significados apontam para o sentido do texto no nível sintagmático, sendo que, em nível paradigmático também os outros significados acabam tendo uma parcela de contribuição aos efeitos de sentido.

Nesse movimento do léxico, a escolha dos signos *nasceu*, *rebento* e *rebentar* (versos 1 e 2) conjugada à expressão de negação *não era o momento*, parece motivar uma leitura de impropriedade desse nascimento e não uma leitura de um nascimento *prematuro*, cujo sentido para nós já se convencionou, em extensão, para toda criança nascida antes do tempo normal da gestação. Do ponto de vista sociocognitivo, essas escolhas lexicais direcionam um gesto de interpretação que vai muito além de uma leitura superficial, já que é a partir delas que começamos a recuperar a posição enunciativa de quem fala no texto, tanto do ponto de vista de sua identidade social, quanto de sua posição social. Isso é ratificado com a escolha do verbo *rebentar*, forma variante de *arrebentar*.

No verso seguinte (3), a figura feminina (representante das minorias) conta ao interlocutor, *seu moço* (alguém respeitável), que esse *rebento* apresenta feições que lembram a miséria ou a falta. Novamente, são os itens lexicais que vão nortear nossa interpretação e direcioná-la para o tema social que começa a emergir do e no texto. Ao enunciar que o rebento *foi nascendo com cara de fome*, há uma indicação clara de ausência, de falta, de miséria de um dos provimentos essenciais a todo indivíduo, a alimentação. Não se pode deixar de perceber, aqui, a construção de uma identidade de

minorias sociais, bem como não se pode desconsiderar que a fome, a falta de recursos básicos é um dos grandes problemas sociais de nosso país, sem falar do controle de natalidade ou de sua ausência, reiterado com a presença do elemento lexical *já* (anterioridade). Além disso, essa construção, que indica o modo como o filho nasceu, *com cara de fome*, reforça a leitura da desigualdade, da desnutrição de pessoas que vivem em estado de profunda pobreza.

O verso (4), seguinte, apresenta outros sinais de que esse *nascimento*, esse arrebentar-se aconteceu numa época inadequada: pensamos que, além de ter deixado claro o sentido social de falta, explorado no signo *fome*, a mãe chama a atenção para outro fato que ajuda a construir sua identidade social, isto é, o seu estado civil. Parece-nos que essa mãe é solteira (mãe solteira), e, além de não possuir, e, por isso, não poder oferecer ao filho um dos elementos indispensáveis para todo ser humano: a alimentação, ela também não poderia dar a ele um nome, pois não tinha *nem nome pra lhe dar*. Esse verso parece sugerir, portanto, uma identidade social do filho como bastardo, de pai desconhecido.

De fato, a marca indicada pelo item lexical *nem* poderia atestar a leitura que acabamos de fazer, uma vez que, ao utilizá-lo, a figura materna deixa pressupor a falta de outras coisas tão essenciais quanto o nome, além de sugerir, também, a questão do desconhecimento do seu próprio pai, sendo, ela também bastarda. O guri não tinha pai, pois não podia ganhar um nome, nem a própria mãe possuía pai, pois que ela mesma não tinha nem nome para promover o legado, por causa do anonimato daquela paternidade ou porque ela também não possuía sobrenome. Assim, os valores ideológicos e estereotipados vão surgindo no texto e a questão dessa falta, que se perpetua, estaria também denunciando crenças e relações sociais degradadas (na sociedade patriarcal, o nome vem do pai; nesse caso, o pai não foi identificado ou não quis assumir a paternidade).

São as escolhas lexicais dos próximos versos (5-6) que fortalecem essa leitura. A mãe (re)afirma, em primeira pessoa, a não existência de um outro, no caso, o pai. Esses versos demonstram a relevância do movimento léxico-sintático no discurso, já que, associado à forma verbal *fui levando*, está o pronome de terceira pessoa que passa a assumir duas funções sintáticas: a de objeto direto da locução verbal *fui levando* e certamente a de sujeito de *a me levar*. Essa "junção" de objeto e sujeito, esse duplo papel, esse duplo lugar em que o ele do enunciado promove a simbiose, objeto de *levando* e sujeito de *a me levar* é estratégia de estruturação discursiva para a construção contextual que se quer evocar: a ligação mãe e filho aponta para o mesmo círculo vicioso da não

identidade, da relação social perversa, das relações de dominação.

Com efeito, vale ainda ressaltar a noção de formalidade/informalidade que vai sendo construída nesse texto. Entre os versos cinco e seis (5-6), parece existir uma construção sintática contraditória quanto ao grau de formalidade *versus* informalidade, revelando características dos registros formal e informal, que apontam para o tipo de situação dos envolvidos nessa interação.

Existe no texto um duplo registro: um, no quinto verso, em que o enunciador, pelo que fala e pela maneira como fala, pode ser reconhecido como uma pessoa culta e linguisticamente consciente; e um outro, no sexto verso, cujo registro denuncia um uso linguístico menos tenso. Esse duplo registro causa efeitos sobre a análise: a mãe parece adequar a sua fala diante do interlocutor que vai sendo esboçado no texto. Assim, em termos de expressividade, há certo tom de formalidade, caracterizado por um léxico mais sóbrio (como fui levando não sei lhe explicar), e, por outro lado, há um outro tom informal que exprime a subjetividade emotiva da simbiose mãe *versus* filho (Fui assim levando ele a me levar). Assim, o relato oral, em discurso direto, seria, pois, carregado de avaliações, com o emprego do pronome subjetivo usado como objeto, com um tom de autocrítica, instaurada pelo elemento lexical *como*, que deixa entrever um questionamento, ratificado pelo *assim, em fui assim* (desse modo) *levando*.

É nessa perspectiva que a variação do estilo lexical reflete o tipo de situação vivido. Isto é, essa mudança ilustra a variação de classe social. Ademais, o uso de formas prestigiadas e formas discriminadas também direcionam para estereótipos sociais.

No verso (7), temos a remissão ao passado e a inclusão de uma categoria discursiva diferente, o discurso indireto. Embora o uso dos tempos verbais no texto indicie a enunciação através do presente, o enunciado desse verso remete ao passado, e essa remissão é feita objetivamente pela escolha do verbo *disse*, acompanhado da expressão *um dia*, e a desinência verbal *-isse* do *disse* rimando. Essa referência ao passado é construída a partir da própria estrutura do discurso indireto, ou seja, um verbo *dicendi* na terceira pessoa conjugado a uma oração subordinada substantiva objetiva direta e também pela utilização do mecanismo da *dèixis* instaurado pelo advérbio *lá* que referencia o que está longe da primeira (eu = figura materna), da segunda pessoa (tu = seu moço) e próximo da terceira pessoa (ele = guri). No entanto, esse advérbio *lá*, se é menos localizável em relação às duas pessoas (o *lá* parece indicar um lugar longe da figura materna e do seu moço), por meio do discurso indireto, cuja voz é a do próprio guri, esse *lá* acaba reportando-se a um espaço também distante do ele, que o enuncia indiretamente, mas

como o fizesse em forma profética, uma vez que joga para o futuro a possibilidade de mudar de vida, em termos financeiros, se tomados o verbo *chegar* e o advérbio *lá* (*chegava lá*) como uma expressão cujo sentido é lograr êxito, ter sucesso ou ainda ter ascensão social.

Tal movimento dialógico em discurso direto que traz no seu bojo um indireto referenciado é extremamente relevante. Explicamos: se a estrutura do discurso direto continuasse, a leitura desse advérbio (*lá*) seria diferente, já que seria colocado numa relação em que estaria longe apenas dos dois interlocutores. Assim, o que seria próprio das construções com o advérbio *lá*, ou seja, fazer remissão a um espaço semântico menos localizável, é reforçado, hiperbolizado, uma vez que ele não está apenas longe dos interlocutores, mas das três pessoas do discurso. Além disso, é importante ressaltar que o referente desse advérbio locativo não está exposto apenas pelo uso de uma escolha lexical anafórica ou catafórica e sua retomada é feita contando com as representações mentais, ou seja, os modelos mentais de acontecimentos, já que o leitor precisa inferir que essa forma é ligada ao interdiscurso da fala popular (linguagem) - Eu ainda chego lá - indicada no oitavo verso.

Parece-nos, pois, que, ao usar essa expressão idiomática, cujo estatuto discursivo já é preestabelecido pelos usuários da língua, a enunciadora, além de indicar o lugar desejado pelo guri, deixa uma marca clara de um desempenho linguístico mais popular e consagrado pela opinião comum, a doxa. Desse modo, esse discurso, já codificado, busca apoiar-se sobre uma ideia estabelecida pelo senso comum, não-refutada pela coletividade e dada como verdadeira. Ao empregar essa fala popular, o texto parece investir em uma estratégia discursiva que visa à persuasão face ao pré-construído e convoca, chama para dentro do texto, uma fala social.

Os versos nove e dez (9-10) reforçam essa construção situacional e avaliativa que está sendo construída. A seleção da forma verbal *olha*, no imperativo, seguido do dêitico espacial *aí* em contraposição com o advérbio *lá* do oitavo verso, subverte todo um processo de operação mostrativa, apreciativa, que só pode ocorrer mediante recursos linguísticos: a figura materna recorre, ou finge recorrer aos olhos do corpo e finge ser guiada numa percepção concreta. O sujeito poético radica as coordenadas enunciativas do eu, enunciadora (mãe), dirijo-me a tu, interlocutor (seu moço) e apresento a você a história da minha vida e da vida dele (do guri), que você pode capturar com os olhos do corpo. Além disso, a unidade léxica *olha aí* também poderia funcionar como uma possível marca conversacional quando usada com valor ponderativo, ou seja, a enunciadora (mãe),

dirigindo-se ao interlocutor (seu moço), refere-se à história de vida do filho (guri) como quem diz: *olha aí* onde ele foi parar. Nesse sentido, essas escolhas lexicais apontam para o objetivo dessa enunciação, mais uma comprovação da importância de se considerar o controle contextual da escolha e variação lexical.

Outro fator importante a ser destacado é a questão da força do gesto encarnado nas palavras. Nesse engendrar simbólico da gestualidade, a enunciadora parece estar apontando para o chão, perto do interlocutor, sugerindo que há um corpo (uma presença física) perto do tu (seu moço). Esses versos, em nossa interpretação, podem ser lidos como uma possível distância entre os participantes, já que o eu não parece estar no mesmo lugar (aqui) em que se encontra o tu (aí), seu diálogo com ele parece confirmar o diálogo virtual, pois que a voz do interlocutor não aparece *in praesentia*.

A construção do verbo *olhar*, seguido do dêitico *aí* é reiterada no refrão, que compreende os três últimos versos da estrofe. Essa oração é repetida quatro ou cinco vezes no final de cada estrofe, instaurando uma recorrência e uma simultaneidade e marcando a importância do gesto que se quer explicitar, ou seja, supõe o apontar, o aí, perto do tu.

Mas o refrão não nos chama a atenção só por apresentar essa estratégia; há ainda nele a construção de outro efeito de sentido que se deve considerar. Ao pronunciar o refrão, a mãe parece encher-se de um sentimento diferente do explicitado até o momento de sua enunciação. Verifica-se que a imagem funesta instaurada pelo signo *rebento* desaparece, talvez, o filho já não represente mais uma ameaça ou um estorvo para a figura da mãe, ele já não é *rebento*, mas sim *guri*, um menino, uma criança. Assim, defendemos que a troca do item lexical será, aqui, de suma importância, uma vez que ela deixa transparecer uma nova visão na relação social entre mãe e filho. Nessa perspectiva, diante de uma suposta alienação da mãe parece surgir um sentimento de orgulho dessa mãe pelo seu *guri*.

Essa mudança lexical utilizada para ser referir ao filho (primeiro *rebento*, depois *guri*) também instaura uma mudança de modelos de contexto dos leitores, já que a interpretação do participante *rebento* é diferente de *guri*.

Dessa forma, ao escolher os substantivos *rebento versus guri* talvez haja mesmo um indício intencional de se jogar com sentidos diferentes, tanto em termos de tom quanto em termos de propriedade. A figura materna, ao se referir ao filho, que nasceu em condições de extrema miséria, utiliza as formas *rebento/rebentar*; já quando se refere ao irônico *sucesso* de seu filho, utiliza a forma *guri*, o que poderia evidenciar, nesse caso, um paralelo entre *rebento/guri* e *rebentar/nascer*. Além disso, ao utilizar o item lexical

guri, cuja origem está no dialeto tupi e significa *pequeno*, a figura materna já imprime no seu enunciado o tom afetivo de proteção, além, é claro, daquela leitura que indica a variação regional.

Na segunda estrofe, percebemos como a reprodução discursiva da desigualdade social está sendo apresentada temporalmente no texto. A mãe dirige sua fala para outro momento da vida do menino, um período que parece ser estabelecido pelo próprio signo *guri*; isto é, ainda pequeno, criança, o menino começa a sair para o batente, cujo sentido no nosso modelo mental é o de trabalho, e passando a efetuar pequenos roubos (corrente de ouro, bolsa), furtos, que são narrados como presentes pela figura materna (versos 14-15). O fato de o filho chegar veloz (correndo) e suado do batente (batente, expressão informal, cujo significado é trabalho duro, pesado) e ainda trazer para a mãe um presente, está acompanhado do verbo *encabular*; este produz dois sentidos: um, segundo o qual, a mãe se sentiria envergonhada diante de um presente, o que poderia refletir a falta de jeito da mãe ao ser presenteada; e o outro, que apontaria para a vivência de um sentimento de vergonha, ou mesmo de dominação e poder simbólico por parte do *guri*, já que ele está sendo construído como um menor infrator. O texto, então, constrói estruturas discursivas que vão direcionando a compreensão da estrutura social que se quer mostrar na reprodução da desigualdade social.

A voz da figura materna parece estar sugerindo dois registros, ou seja, duas vozes, uma mais formal, que utilizaria signos como *reberto*, *encabular*, *meninice*, *batente* para enunciar os feitos do *guri*; e outra, mais popular, que seria responsável por enunciar, a partir de uma visão ingênua, toda a trajetória do menino. Essa segunda voz seria a responsável pelo refrão, que é repetitivo, próprio de uma linguagem mais popular e de todas as construções que sofrem algum desvio da norma culta: e eu não tinha nem nome *pra* (redução gramatical de para > pra) lhe dar; fui assim levando *ele* a me levar; *me* trouxe uma bolsa; essa onda de assaltos *tá* (está > tá) um horror, além dos versos eu consolo *ele*, ele me consola; *boto* ele no colo *pra* ele me ninar, que são construções que reiteram aquela leitura do círculo vicioso, das condições sociais desiguais. Portanto, a atitude do *guri*, ao presentear a mãe, que parece alegrar essa segunda voz da figura materna, é o que deixam transparecer os versos dezesseis e dezessete, que soam com um tom interjetivo e hiperbólico.

A partir do verso dezoito, é possível inferir, novamente, a questão da construção social da identidade dos envolvidos nessa enunciação. As escolhas lexicais dos versos (18-21) reforçam a leitura que foi feita, na primeira estrofe, em relação à

identidade/identificação social dos participantes, bem como de sua representação social. Se, no quarto verso da primeira estrofe, a mãe conta/canta que não tinha nem nome para dar ao filho, isso se confirma na segunda estrofe, quando a questão da identidade social é novamente recuperada. Leia-se, pois, que, nesse momento do poema, a pretensa figura da mãe, como não tendo sequer um documento que pudesse comprovar a sua identidade, apropria-se dos pertences pessoais (chave, caderneta, terço e patuá, um lenço) e também do próprio documento de outra pessoa, vítima do roubo praticado pelo filho.

Dessa forma, tais versos, além de comprovarem a condição social da mãe, pobre e sem instrução, reiteram também a ideia de ser ela mesma bastarda, sem origem, numa visão explícita de repetição da situação de miséria, de categorias que parecem estar apontando para uma desigualdade social, cujo ciclo não se interrompe: há a perpetuação da bastardia e de condições sociais adversas, ou seja, de organização social propiciadora de promiscuidade e da ausência de lei, uma ausência que já é por si mesma geradora e perpetuadora da violência e da desigualdade.

Na terceira estrofe, a partir do verso vinte e cinco, o enunciador passa a presentificar outro momento da vida do guri: trata-se de um período em que ele, já maior, comete roubos também maiores. O guri já não traz para casa pequenos furtos como os descritos na segunda estrofe, mas furtos maiores (chega no morro com o carregamento / pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador); isto quer dizer que a imagem social do guri é outra. Com efeito, isso parece, pois, comprovar que o passado vai mesmo sendo presentificado pelo texto, e cada estrofe estaria marcando uma fase de vida do guri, bem como a construção social do menor infrator que vai se constituindo como marginal. Além da questão da identificação social, que se reiterou na segunda estrofe, sendo, pois, de suma importância para o sentido do texto, outra imagem é formada: trata-se de uma suposta preocupação da figura materna com a segurança do filho, o que parece reforçar a questão da violência e da marginalização.

Essa preocupação pode ser lida, também, como uma construção ideológica de religiosidade heterodoxa, sincrética, brasileira, marcada, sobretudo, pelos itens lexicais que foram indicados na segunda estrofe (terço e patuá) e que travam uma relação dialógica com o verbo rezar na terceira estrofe, sendo, pois, itens lexicais que remetem a formações ideológicas do discurso religioso.

Também nos três primeiros versos dessa estrofe “chega no morro com o carregamento/pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador/ rezo até ele chegar cá no alto”, há uma indicação do campo mostrativo espacial, ou seja, o lugar de onde o enunciador

fala é indicado pela expressão *cá no alto e no morro*. A descrição física desse lugar direciona a nossa leitura para as favelas, uma vez que, em sua maioria, elas são construídas nos morros e costumam abrigar os menos privilegiados na sociedade, o que reforça a questão do tema da desigualdade social.

O verso vinte e nove (Eu consolo ele, ele me consola) permite retomar a mesma circularidade linguística do sexto verso da primeira estrofe (fui assim levando ele a me levar). Essas construções, que compreendem estratégias de pronominalização, confirmam o jogo intersubjetivo que há no texto, uma vez que, ao alternar o lugar da terceira pessoa, ora como objeto, ora como sujeito, o enunciador denuncia a própria circularidade, o círculo vicioso que está sendo constantemente reiterado pelo poema-canção e reflete não só as variações sociais, mas as próprias questões que tocam a minoria, como a desigualdade, as relações de poder, a marginalização, entre outros. Assim, esses versos parecem comprovar a simbiose entre mãe e filho, e denunciam uma circularidade do próprio sistema que se repete; esse sujeito que é objeto; essa troca de identidade social, já que não está bem marcada; essa não-definição de papéis numa sociedade, cuja imagem está sendo construída como perversa pelo texto. Nota-se que o próximo verso do poema-canção parece confirmar essa não-definição que está sendo construída; ao dizer *boto ele no colo pra ele me ninar*, o enunciador reafirma essa imagem.

No verso trinta e um, a mãe utiliza elementos coordenados para indicar os feitos do menino e a posição social e hierárquica que ele ocupa na casa, *de repente acordo, olho pro lado/ e o danado já foi trabalhar*. Nesses versos, vai se delineando o lugar do guri como sendo o lugar do próprio pai; é ele que sai cedo para trabalhar e dorme ao lado da mãe. Até a forma de chamá-lo é modificada pelas escolhas do léxico: a figura materna já não o chama de *guri*, mas sim de *danado*. O item lexical *danado* que, no poema canção, equivale a *o hábil; o esperto; o inteligente*, ao passar por uma recategorização em que o adjetivo (classe de incidência, cuja existência depende de um substantivo sobre o qual incida) ganha autonomia, existência própria, porque migra de classe passando a substantivo, perde os atributos depreciativos *furioso, de má índole, ruim* e é ressignificado, adquirindo um valor positivo. Parece, portanto, que nesse momento há um reforço dos valores ideológicos da sociedade patriarcal e é construído um perfil mais masculino e mais amadurecido; já não se trata mais de um menino, mas de um rapaz, cujo campo semântico na escolha das palavras aponta para [+ homem] valente, hábil, esperto. Seguindo esse caminho, o próprio *ninar* receberia uma conotação diferente, no sentido de acariciar. O guri, agora homem, estaria, portanto, ocupando o lugar simbólico do pai e,

ainda uma vez, a perpetuação da não-identidade, da não-identificação e das condições sociais desiguais, da relatividade do nome-do-pai e, portanto, da própria lei. Nesse momento, ocorre uma nova atualização dos modelos de contexto por parte dos leitores que acompanham o “crescimento” do filho: rebento, guri e danado.

Na quarta estrofe, a vida se transforma em morte nas escolhas lexicais. O guri, a sua presença física, não volta para casa, o que chega é sua imagem *estampado, manchete, retrato*, ou seja, chega através da sua foto no jornal. E, por ser ainda menor, *com venda nos olhos, legenda e as iniciais*. Novamente, nossos modelos mentais são acionados para a reconstrução do que envolve o domínio do discurso jornalístico. Quando se trata de menores em conflito com a lei, há um discurso legitimado que passa pela não-identificação da identidade e, portanto, para a invisibilidade desse sujeito, que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), deve ter sua identidade preservada. A partir do verso trinta e oito, a voz da mãe parece assumir um tom denegatório, uma mistura de realidade, de fantasia e, talvez, de crítica. Ela inverte o real e aponta para o efeito irônico no leitor/ouvinte (eu não entendo essa gente, seu moço/fazendo alvoroço demais). A expressão *essa gente* pode estar se referindo ao povo, aos leitores do jornal ou à própria sociedade. Da mesma forma, ao enunciar esses versos, a mãe dá-nos uma pista de aproximação com o interlocutor. Esse, agora, parece estar próximo da figura materna.

Dessa maneira, o texto direciona a leitura para um cruzamento de vozes que aponta para um cruzamento de valores, crenças e ideologias. Assim, o lugar onde o guri se encontra, desde o início do texto, é desvendado e, junto com ele, também é possível identificar marcas do interlocutor que, até o momento, participava de um diálogo virtual com o enunciador que pode ser representado pela voz do discurso dominante, das elites simbólicas e das relações de poder em nossa sociedade. Nesse caso, o guri estaria, durante todo o momento da enunciação, já sem vida, perto do seu moço e o olha aí, tão reiterado pela figura materna, estaria justamente apontando para o interlocutor, como num gesto, o lugar onde o menino se encontra e a história de sua vida.

Os versos quarenta e dois e os seguintes parecem confirmar essa leitura: a enunciativa afirma que, desde o começo, e esse começo pode ser tomado como o início do texto, mas também como o próprio nascimento do garoto, ela, a figura materna, vinha reafirmando (eu não disse, seu moço) o discurso do próprio garoto, que, já não podendo mais falar, pois estava morto, recebeu pela voz da mãe o direito de enunciar, pelo discurso indireto livre, que *chegava lá*. Isso reforçaria, portanto, o desejo das minorias, dos grupos que sofrem pela desigualdade social e que desejam outro lugar, sociedade, direitos, etc.

Além disso, é importante ressaltar a estruturação das estrofes para essa produção de sentido: todas elas, exceto a primeira, começam com o verbo *chega* e acabam com *ele chega*, o que reitera o próprio chegar lá.

Por isso, esse *lá* é tão distante de todos os personagens do texto; é um "lá" inacessível, representando, pois, a projeção para um futuro utópico. Ele pode ser tomado como o lugar desejado pelo guri, e seria, então, traduzido num desejo de vida digna, com sucesso e conquista, mas acaba sendo *um lugar*, ou seja, o lugar da morte, o que coloca em voga o sentido dos verbos ser *versus* ter, e todas as outras formas de oposição que marcam o tipo de situação social: pobre *versus* rico, escolarizado *versus* não-escolarizado, etc.

A construção do poema ainda permite intuir a ironia, típica, aliás, da gramática do compositor, talvez produzida pelo cruzamento de duas vozes presentes na fala da mãe: uma que eivada de um tom de amargura e desesperança, usa um registro "popular" e outra, cujo tom seria de denúncia e assume características de uma voz mais culta, num chamado registro padrão (Como fui levando, não sei lhe explicar). Por esse caminho, é possível concordar com van Dijk (2012) ao dizer que, embora possamos passar por várias categorias contextuais de variação lexical, os indícios mais óbvios e puros são os controlados por tipos de situação (formal *versus* informal).

Creemos poder dizer, então, que, no discurso de "O meu guri", Chico Buarque deu voz não só a uma figura materna, mas a todas as pessoas que, despossuídas de voz e vez, encontram-se frente ao tema da marginalidade social. O enunciador feminino assume a imagem da mãe socialmente construída, metonímia de uma cidadania posta em questão, um "matriarcado" manco por falta de pai, figura de lei. Assim, a realidade se subverte no discurso "materno": de morte à vida, de insucesso a sucesso, havendo, pois, na inversão dos sucessos, a construção de um herói no discurso materno, de um mártir, num discurso de crítica das desigualdades sociais.

5. Considerações finais

A leitura crítica da canção *O meu guri* apresentou itens lexicais que desvelam uma sociedade marcada pela miséria e desigualdade social.

A partir das categorias lexicais analisadas, pudemos evidenciar, na voz da mãe, a representação do menor em conflito com a lei, que nasceu *reberto*, cresceu *guri*, *danado* e depois morreu *retrato*. O ciclo de vida desse guri representa o ciclo de vida de vários

outros guris que moram no morro e que estão fadados ao mesmo destino. São guris que nascem e morrem sem identidade e sem dignidade.

A representação mental estereotipada que temos acerca desses guris é retratada na canção, que explora a possibilidade de escolhas lexicais para resumir em alguns versos milhares de vidas.

Desse modo, essa leitura crítica espera contribuir para que se possa utilizar e ler a canção como uma ferramenta capaz de “quebrar o círculo do senso comum, daquilo que parece natural, não problemático, mas que recria e reforça formas de desigualdade e discriminação” (MEURER, 2000, p.169), que problematiza e discute questões significativas para a sociedade, que são materializadas na linguagem pelo discurso como prática social.

Referências bibliográficas

AMARAL, L. Possíveis contribuições da análise crítica do discurso para o ensino de português. **Revista Línguas e Letras**, v. 13, n. 24, p. 143-160, 2012.

BAYNHAM, M. **Literacy Practices: Investigating Literacy in Social Contexts**. London: Longman, 1995.

GADET, F; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**. Trad.: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.

HEBERLE, V. M; MEURER, J. L. Reading in English as a Foreign Language. In: CAMPOS, J. (Ed.). **Educação para crescer: projeto melhoria da qualidade de ensino**. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1993. p. 41-58.

HEBERLE, V. M. Critical Reading: Integrating Principles of Critical Discourse Analysis and Gender Studies. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 38, p. 115-138, 2000.

HOLLANDA, C. B. **Letra e música**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NUNES, J. H. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, E; ZOPPI-FONTANA, M. (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p.149-165.

MEURER, J. L. O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 38, p. 155-171, 2000.

RIO-TORTO, G. **O léxico: semântica e gramática das unidades lexicais**. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas (ILLP), 2006. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/13412>> Acesso em: 06 abr.2015.

VAN DIJK, T. A. **Ideología**: una aproximación multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. **Discurso e poder**. Trad. De Judith Hoffnagel e Karina Falcone (Org.) 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Sociedad y discurso**: cómo influyen los contextos sociales sobre el texto y la conversación. Trad. Elsa Ghio. Barcelona: Gedisa, 2011.

_____. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

Artigo recebido em: 20.02.2015

Artigo aprovado em: 05.05.2015